

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ

**ADRIEL JUNIOR PILATTI
BRUNA WOICIK BARCAROLO**

**UMA ANÁLISE DE IDENTIDADE DE GÊNERO DO PERSONAGEM RICARDO EM
“A CONFISSÃO DE LÚCIO”, DE MÁRIO DE SÁ-CARNEIRO A PARTIR DA
TEORIA *QUEER***

PATO BRANCO

2022

**ADRIEL JUNIOR PILATTI
BRUNA WOICIK BARCAROLO**

**UMA ANÁLISE DE IDENTIDADE DE GÊNERO DO PERSONAGEM RICARDO EM
“A CONFISSÃO DE LÚCIO”, DE MÁRIO DE SÁ-CARNEIRO A PARTIR DA
TEORIA *QUEER***

**AN ANALYSIS OF THE GENDER IDENTITY OF THE CHARACTER RICARDO IN
"A CONFISSÃO DE LÚCIO", BY MÁRIO DE SÁ-CARNEIRO FROM THE *QUEER*
THEORY**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentada como requisito para obtenção do título de Licenciado em Nome do Letras – Português/Inglês da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR).

Orientadora: Camila Paula Camilotti Testa
Coorientadora: Mariese Ribas Stankiewicz

PATO BRANCO

2022



Esta licença permite compartilhamento, remixe, adaptação e criação a partir do trabalho, mesmo para fins comerciais, desde que sejam atribuídos créditos ao(s) autor(es). Conteúdos elaborados por terceiros, citados e referenciados nesta obra não são cobertos pela licença.

**ADRIEL JUNIOR PILATTI
BRUNA WOICIK BARCAROLO**

**UMA ANÁLISE DE IDENTIDADE DE GÊNERO DO PERSONAGEM RICARDO EM
“A CONFISSÃO DE LÚCIO”, DE MÁRIO DE SÁ-CARNEIRO A PARTIR DA
TEORIA *QUEER***

Trabalho de conclusão de curso de graduação
apresentada como requisito para obtenção do título de
Licenciado em Nome do Letras – Português/Inglês da
Universidade Tecnológica Federal do Paraná
(UTFPR).

Data de aprovação: 01 de dezembro de 2022.

Camila Paula Camilotti,
Doutora em Estudos da Tradução
Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Mariese Ribas Stankiewicz
Doutora em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês
Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Sidinei Eduardo Batista,
Doutor em Letras, Estudos Literários
Universidade Tecnológica Federal do Paraná

PATO BRANCO

2022

Dedicamos este trabalho a nós mesmos pelo empenho e coragem de pesquisar um tema inovador, às nossas famílias, professores e colegas, bem como a todas as pessoas da comunidade LGBTQIAP+ que se sentem representadas na literatura.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à nossa orientadora Profa Dra Camila Paula e a nossa Co-orientadora Profa Dra Mariese Ribas Stankiewicz por toda atenção, disponibilidade, paciência e carinho conosco e com nosso trabalho; vocês nos são grandes exemplos enquanto profissionais e seres humanos. À UTFPR por nos proporcionar ao longo desses anos um ensino público, gratuito e de qualidade, e a todos os professores que nos acompanharam nesta jornada tão importante em nossa caminhada.

Um agradecimento especial também para todos os nossos familiares e amigos pela compreensão nesse momento de nossas vidas em que precisamos por muitas vezes nos fazermos ausentes, em prol dos nossos objetivos acadêmicos. Seria injusto citar nomes, sob pena de esquecer alguém. Portanto, fica aqui subentendido todos aqueles que estiveram ao nosso lado dando suporte e incentivo.

Eu não sou eu nem sou o
outro,
Sou qualquer coisa de
intermédio:
Pilar da ponte de tédio
Que vai de mim para o outro.
(SÁ-CARNEIRO; MÁRIO, 1937)

PILATTI, Adriel Junior; BARCAROLO, Woicik Bruna. **Uma análise de identidade de gênero do personagem Ricardo em “A Confissão de Lúcio”, de Mário De Sá-Carneiro a partir da Teoria *Queer***. 2022. 34f. Monografia (Graduação em Letras Português e Inglês) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Pato Branco, 2022.

RESUMO

O presente estudo apresenta como tema a identidade de gênero na literatura portuguesa, a partir de uma análise do personagem Ricardo em contrapartida com os demais personagens no conto “A Confissão de Lúcio”, de Mário de Sá-Carneiro, uma das obras mais importantes do modernismo português. A análise versa especificamente sobre o comportamento de Ricardo e seu relacionamento com Lúcio e Marta a partir das contribuições da Teoria *Queer*, que debate questões de gênero a respeito da comunidade LGBTQIAP+, com o objetivo de discorrer sobre um tema tão relevante para a sociedade atual, já que as discussões sobre sexualidade e identidade de gênero vêm sendo cada vez mais pautas de debates, os quais podem utilizar a literatura como base, já que as narrativas e os personagens podem justificar e ajudar a explicar os referidos assuntos de maneira muito significativa. Partindo da análise da identidade de gênero do personagem citado acima, e sob a ótica da Teoria *Queer*, busca-se, com o presente trabalho, apresentar essa questão como aspecto presente e importante na literatura e na sociedade de maneira geral. Assim, conclui-se que há evidências muito fortes sobre o personagem Ricardo ser abrigado dentro do espectro LGBTQIA+, mostrando que a literatura é uma arte de representação da vida.

Palavras-chave: identidade de gênero; teoria *queer*; literatura portuguesa.

ABSTRACT

This study presents the theme of gender identity in Portuguese literature, from an analysis of the character Ricardo in contrast with the other characters in the short story "A Confissão de Lúcio", by Mário de Sá-Carneiro, one of the most important works of Portuguese modernism. The analysis is specifically about Ricardo's behavior and his relationship with Lúcio and Marta based on the contributions of Queer Theory, which discusses gender issues regarding the LGBTQIAP+ community, with the purpose of discussing such a relevant theme for today's society, since discussions about sexuality and gender identity have been increasingly discussed, and which can use literature as a basis, since the narratives and the characters can justify and help explain these issues in a very significant way. Based on the analysis of the gender identity of the above mentioned character, and under the Queer Theory point of view, this paper aims to present this issue as a present and important aspect in literature and in society in general. Thus, it is concluded that there is very strong evidence about the character Ricardo being sheltered within the LGBTQIA+ spectrum, showing that literature is an art of life representation.

Keywords: gender identity; queer theory; Portuguese literature.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
NBR	Normas Brasileiras
UTFPR	Universidade Tecnológica Federal do Paraná
LGBTQIAP+	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Trans, <i>Queer</i> , Intersexo, Assexuais, Pansexuais e mais

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 UM PANORAMA SOBRE O AUTOR, A OBRA E O CONTEXTO.....	13
3 A COMUNIDADE LGBTQIAP+, ALÉM DA SIGLA: A TEORIA QUEER.....	17
4 ANÁLISE: “UMA MANOBRA NECESSÁRIA PARA A MATERIALIZAÇÃO DO DESEJO ERÓTICO DE DOIS HOMENS”.....	24
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	31
REFERÊNCIAS.....	33

1 INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, muito se tem comentado sobre as questões de gênero e sobre as minorias sociais e esse tema tão importante merece ser devidamente discutido no ambiente acadêmico de forma ampla para que possamos ter esse conhecimento difundido e discutido em todas as instituições sociais.

Segundo Carlotto (2001, p. 102):

A existência de gêneros é a manifestação de uma desigual distribuição de responsabilidade na produção social da existência. A sociedade estabelece uma distribuição de responsabilidades que são alheias às vontades das pessoas, sendo que os critérios desta distribuição são sexistas, classistas e racistas. Do lugar que é atribuído socialmente a cada um, dependerá a forma como se terá acesso à própria sobrevivência como sexo, classe e raça, sendo que esta relação com a realidade comporta uma visão particular da mesma.

Dito isso, percebemos que as relações entre os gêneros que temos hoje são reflexos de conceitos e estereótipos antigos e patriarcais, como a divisão social do trabalho, por exemplo, em que a mulher deveria permanecer em casa cuidando dos filhos e de sua casa, enquanto que o homem seguia com suas atividades externas sem precisar abdicar de sua liberdade. Após muitos séculos de luta, as mulheres conseguiram conquistar seu espaço na sociedade, mas, infelizmente, a desigualdade de gênero perdura até hoje e percebemos isso na diferença de salários que ocorrem em diversos cargos dos mais diversos setores, em que a mulher, mesmo desempenhando as mesmas funções que os homens, recebe menos em seu ordenado.

É importante trabalharmos o conceito de heteronormatividade antes de adentrarmos na Teoria *Queer*, e esse conceito definido em poucas palavras seria a criação com base na heterossexualidade, em que a homossexualidade é vista como algo errado e fora do padrão.

Segundo Miskolci (2007, p. 6),

O foco *Queer* na heteronormatividade não equivale a uma defesa de sujeitos não heterossexuais, pois ele é, antes de mais nada, definidor do empreendimento desconstrutivista desta corrente teórica com relação à ordem social e os pressupostos que embasam toda uma visão de mundo, práticas e até mesmo uma epistemologia. Em síntese, o estudo da sexualidade necessariamente implica explorar os meandros da heteronormatividade, em especial a homofobia materializada em mecanismos de interdição e controle das relações amorosas e sexuais entre pessoas do mesmo sexo.

De acordo com os estudos de Miskolci (2007, p. 8 *apud* PRECIADO, 2007, p. 387) a Teoria *Queer* surgiu como uma resposta crítica à globalização, aos modelos norte-americanos de identidade sexual hétero, do feminismo liberal e da cultura gay integracionista. Parafraseando Mikolski (*apud* WARNER, 1993), a teoria *queer* é também uma crítica “sem sujeito”, que mantém sua crítica aos regimes da normalidade.

Os estudos da Teoria *Queer* se fazem importantes no ambiente acadêmico e mais ainda no meio social devido à necessidade de se fazer conhecer e entender os diversos conceitos relacionados à sexualidade humana por intermédio da leitura e dos debates acerca do tema para que possamos erradicar o preconceito e julgamentos em todas as suas formas, conseqüentemente, fazendo com que tenhamos uma sociedade mais empática e pacífica.

Para tal estudo, iremos analisar o conto “A Confissão de Lúcio” de Mário de Sá-Carneiro, publicada no ano de 1914, dentro da estética modernista. De modo geral, trata-se da história de um crime cometido por Lúcio Vaz, considerado culpado pela morte de Ricardo Loureiro, que, até a consumação do fato, era considerado seu amigo. A narrativa se dá após a passagem de 10 anos do crime, pena essa cumprida sem revolta pelo personagem Lúcio. No entanto, mesmo depois de transcorrido tanto tempo, Lúcio ainda quer justificar sua inocência, nos relatando como tudo aconteceu, nos trazendo trechos de seu passado antes do cárcere e, também, algumas passagens da sua vida enquanto estava privado de sua liberdade.

Não se tem um esclarecimento total dos fatos, pois a trama envolve também uma terceira personagem, Marta, a qual foi peça principal no decorrer dos acontecimentos. Esse obscurantismo também é uma característica moderna, como bem observado por Araújo neste trecho:

Como se trata da época do modernismo português, a radicalização do novo e obscuro na obra é vinculada ao inverossímil e ao encobrimento da verdade, na tentativa dos órficos de mostrarem à sociedade portuguesa essa contradição. (ARAÚJO, 2009, p. 57).

Faz-se necessária a realização deste trabalho por se tratar de um assunto ainda hoje pouco abordado e discutido no ambiente acadêmico. Mesmo sendo um tema de grande relevância social, não tem seu devido espaço demarcado e reconhecido nas pesquisas científicas, entre os trabalhos sobre a obra relacionados

à Teoria *Queer*, encontramos, mais especificamente, três: a dissertação de mestrado da pesquisadora Fiorella Ornellas de Araújo, publicada no ano de 2009 pela Universidade de São Paulo e intitulada “Do Duplo à Abjeção: Uma Leitura de *A Confissão de Lúcio* de Mário de Sá-Carneiro”; a dissertação do pesquisador Alexandre Rezende Luz, publicada em 2010 pela Universidade Federal de Uberlândia e intitulada “Identidade e Alteridade em *A Confissão de Lúcio* de Mário de Sá-Carneiro”, e por fim, a monografia de Lucy Bladh, publicada pela Universidade de Estocolmo em 2007 e intitulada “*Confissão Queer: Uma Análise Queer* da *Confissão de Lúcio* de Mário de Sá-Carneiro”. Como podemos perceber, todos eles são trabalhos relativamente recentes, e, apesar de trazerem consigo um conteúdo tão rico e importante, não têm sua devida divulgação e reconhecimento. Ambos serviram como norteadores e auxiliaram muito no processo de escrita e análise desta pesquisa.

O desenvolvimento do trabalho está dividido em três partes. A primeira trata-se de um panorama sobre o autor, a obra e o contexto de produção. A segunda traz esclarecimentos sobre a comunidade LGBTQIAP+, conceito que é fundamental para o bom entendimento da teoria abordada. A terceira aborda a Teoria *Queer* em si, conceito, história, autores que trataram da mesma, entre outros aspectos. Por fim, o quarto capítulo traz consigo a análise da obra sob a ótica da Teoria *Queer*.

2 UM PANORAMA SOBRE O AUTOR, A OBRA E O CONTEXTO

De acordo com as informações que encontramos na própria edição do livro *A Confissão de Lúcio*, Mário de Sá-Carneiro foi um poeta Português nascido em 19 de maio de 1890, na cidade de Lisboa, em Portugal. Seu pai, Carlos Augusto de Sá-Carneiro era engenheiro e sua mãe, Águeda Maria Sousa Peres Murinelo, faleceu quando ele tinha apenas dois anos de idade, o que tornou a sua infância difícil, pois foi criado por seus avós, já que seu pai seguia carreira militar. Pelo que se sabe, o menino ficava na maior parte do tempo aos cuidados de uma ama, o que o fez tornar-se uma criança muito sensível. Por volta de seus sete anos, sua avó veio a falecer, e então seu pai começou a levá-lo consigo em algumas viagens pela Europa.

Em 1904, ingressou no Liceu de Lisboa, nessa época começou a escrever seus primeiros poemas e fundou o jornal estudantil *O Chinó*, o qual era financiado pelo próprio pai. Porém durou pouco tempo, pois seu pai achou o teor do jornal um tanto quanto “satírico”. Seu primeiro grande trabalho data de 1910 e trata da peça *Amizade*, a qual escreveu em parceria com seu amigo Tomás Cabreira. Mário se identificava muito com esse amigo, pois Tomás Cabreira também havia perdido sua mãe precocemente. Tomás suicidou-se no pátio do Liceu, diante de professores e colegas, com um tiro de pistola na cabeça. Após o ocorrido, Mário dedicou-lhe um de seus primeiros poemas: “*A um Suicida*”.

Em 1911, o autor foi para Coimbra, matriculou-se na faculdade de Direito, mas acabou por interromper seus estudos. Em 1912, tornou-se amigo de Fernando Pessoa, e nesse mesmo ano teve o auxílio financeiro de seu pai para estudar direito em Paris. Em abril de 1915, foi lançado o primeiro volume da revista *Orpheu* e em julho, saiu o segundo. Porém, após o retorno de Paris, a vida do poeta mudou radicalmente, pois seu pai, que lhe bancava, estava falido, e precisou cortar sua mesada. Ele chegou a pensar em suicídio, e comentou sobre o assunto com seus amigos, inclusive com Fernando Pessoa, mas nenhum lhe deu muita credibilidade. Mário de Sá-Carneiro suicidou-se no Hotel de Nice, em Paris, no dia 26 de abril de 1916, aos 26 anos de idade.

Um fato interessante é que nessa amizade entre Mário de Sá-Carneiro e Fernando Pessoa é que a estética modernista portuguesa se desenvolveu e aprofundou (ARAÚJO, 2009, p.9). Mário, em especial, tinha uma preocupação

extrema com as inquietações do ser humano e, também, um temperamento poético, como bem colocado no trecho a seguir por Araújo:

A dialética de Mário de Sá-Carneiro apresenta um drama global, o homem moderno caracterizado pela perplexidade diante de certos presentes vividos, pela existência que se sente às vésperas do fim, pela densidade trágica da dúvida que se vai transformando em suspeita, pelo questionamento constante da realidade com a presença de seres irreais, tendo como mola propulsora a dor. Nas representações do autor, sua poética e a expressão do homem moderno são manipuladas de modo fragmentado, estrangeiro, oculto. A representação da sua inadequação, do seu estilhaçamento, da insignificância de tudo e do nada configurado no resultado caótico da realidade constrói um túnel de imagens interseccionadas, que resulta no niilismo. (ARAÚJO, 2009, p.10).

Quanto à sua obra “A Confissão de Lúcio”, publicada em 1914, podemos dizer que é uma das mais conhecidas e mais importantes do autor. O livro é composto por 20 capítulos, sendo o primeiro intitulado *Duas palavras* e os próximos seguem a sequência dos números cardinais. Além disso, a obra toca nas questões ambíguas de ser, como bem observado por Araújo:

As questões de ambiguidade levantadas na obra A Confissão de Lúcio de Mário de Sá-Carneiro, referentes às oposições físicas e espirituais, entronizadas pelos personagens e neles constituídas, podem ser interpretadas como advindas da problemática metafísica, como o que busca a essência das coisas, e da problemática psicológica, no sentido de ciência que estuda o espírito humano; pois Sá-Carneiro parte do contexto fantasioso, do obscuro e sobrenatural e direciona-se ao seu interior, na tentativa de uma autoanálise psíquica. (ARAÚJO, 2009, p. 68).

Como sabemos, o Modernismo teve início nas primeiras décadas do século XX, período esse em que muitas descobertas importantes estavam sendo feitas, como por exemplo, a Teoria da Relatividade de Albert Einstein e a elaboração da Psicanálise por Sigmund Freud. Ao mesmo tempo, houve a eclosão das grandes guerras mundiais, e é nesse contexto que o movimento surge, regado de questionamentos como apontado no trecho a seguir:

Havia uma grande euforia pelas constantes descobertas científicas do homem e, ao mesmo tempo, uma sensação de angústia por este ter consciência de sua pequenez no universo, onde ele seria apenas uma ínfima

partícula. Buscava-se restringir a noção de realidade no que é objetivo e apreensível, mas, com a mesma força, crescia o desejo de compreender o mundo interior, subjetivo e inapreensível. Essas contradições eram constitutivas do sujeito que, por um lado, afirmava-se com mais segurança pelo seu discernimento em compreender e dominar o mundo e, por outro lado, negava-se, duvidando de sua consistência, percebendo seus vazios e suas sombras. (HERRERA, 2016, p. 21).

Juntamente com a euforia das descobertas científicas, os artistas buscam trazer as inquietações do ser, e com Mário de Sá-Carneiro isso não poderia ser diferente, como aponta Herrera no excerto abaixo:

as narrativas de Sá-Carneiro se diferenciam justamente por apresentar em suas páginas almas angustiadas, ávidas por mundos fantásticos ou quiméricos, incapazes de sujeitarem-se ao real que elas julgavam ser entediante e banal, massacrante do espírito raro e invulgar. A arte, a loucura, a morte e o suicídio aparecem, pois, como válvulas de escape diante de tamanha insatisfação e desajustamento. (HERRERA, 2016, p.11)

Definir um conceito para o Modernismo não é uma tarefa simples, afinal, os movimentos artísticos estão inseridos em um período histórico. Porém, este movimento modernista advinha da chamada “modernidade”, que já estava ocorrendo na Europa há algum tempo devido a todas as novidades ocorridas nos campos científicos, por exemplo. Entretanto, como definiríamos modernidade? Herrera explica:

Definir Modernidade também não é uma tarefa fácil, já que se trata de um fenômeno complexo que se irradiou por todas as áreas do conhecimento humano. De certa forma, a Modernidade pode ser vista muito mais como uma atitude, uma forma de ver o mundo, do que como um período histórico. Por este motivo, é possível adotar diferentes critérios para uma demarcação temporal, baseados nos mais díspares adventos e teorias. Considera-se, portanto, o conceito crítico da Modernidade proveniente de um decurso amplo e difuso, e não como um marco determinável por si mesmo. (HERRERA, 2016, p.16)

Mas qual seria então o objeto principal de foco dos artistas modernistas? Segundo Herrera (2016), os Modernistas se focavam cada vez mais num processo de análise e representação de si mesmos e de busca de sentido do sujeito em relação a sua individualidade e identidade. Para a realização de tal feito, é necessário entrar em contato com o outro. Dito isso, podemos perceber que os artistas e escritores desse período sentiam a necessidade de representar essas inovações que ocorriam na

humanidade, pois elas também representavam uma dualidade do velho com o novo e, além disso, uma dualidade do ser, fato esse que é abordado mais adiante em nossa análise.

3 A COMUNIDADE LGBTQIAP+, ALÉM DA SIGLA: A TEORIA QUEER

Quando tratamos das “minorias” e de todas as questões de identidade de gênero, logo nos referimos à uma grande e importante parcela da sociedade, que apesar de estar presente em muitas pautas de debates sociais, ainda precisa lutar diariamente pela conquista de espaço e garantia de direitos, que é a comunidade LGBTQIAP+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Trans, *Queer*, Intersexo, Assexuais, Pansexuais e mais), que vai além de uma sigla que está em constante acréscimo e tenta incluir toda a diversidade dentro da própria comunidade, mas como representação de um grupo amplo, colocado normalmente à margem da sociedade, mas que vive e participa de embates pela reivindicação de direitos enquanto humanos e membros de uma sociedade. Nesse sentido, compreende-se que os discursos sobre sexo, sexualidade e tudo o que envolve essas esferas vêm permeando as manifestações de ódio e preconceito, fazendo-se presentes nos mais variados âmbitos:

Nos dois últimos séculos, a sexualidade tornou-se objeto privilegiado do olhar de cientistas, religiosos, psiquiatras, antropólogos, educadores, passando a se constituir, efetivamente, numa 'questão'. Desde então, ela vem sendo descrita, compreendida, explicada, regulada, saneada, educada, normatizada, a partir das mais diversas perspectivas. Se, nos dias de hoje, ela continua alvo da vigilância e do controle, agora ampliaram-se e diversificaram-se suas formas de regulação, multiplicaram-se as instâncias e as instituições que se autorizam a ditar-lhe as normas, a definir-lhe os padrões de pureza, sanidade ou insanidade, a delimitar-lhe os saberes e as práticas pertinentes, adequados ou infames. Ao lado de instituições tradicionais, como o Estado, as igrejas ou a ciência, agora outras instâncias e outros grupos organizados reivindicam, sobre ela, suas verdades e sua ética. Foucault certamente diria que, contemporaneamente, proliferam cada vez mais os discursos sobre o sexo e que as sociedades continuam produzindo, avidamente, um 'saber sobre o prazer' ao mesmo tempo que experimentam o 'prazer de saber'. (LOPES, 2001).

Portanto, entende-se os campos da arte, da política e da literatura como espaços que possibilitam e promovem tais discussões sobre a sexualidade, já que demonstram a representação da vida social e, conseqüentemente, dos mais distintos indivíduos sociais, inclusive os da comunidade LGBTQIAP+, quando em determinados momentos da história apresentam personagens e demais manifestações artísticas que expõem a sexualidade sem necessidade de ser explícita,

ficando na interpretação do público que vivencia tais situações e observa na arte a representação da realidade, tomando como base o estudo de Lopes:

A homossexualidade e o sujeito homossexual são invenções do século XIX. Se antes as relações amorosas e sexuais entre pessoas do mesmo sexo eram consideradas como sodomia (uma atividade indesejável ou pecaminosa à qual qualquer um poderia sucumbir), tudo mudaria a partir da segunda metade daquele século: a prática passava a definir um tipo especial de sujeito que viria a ser assim marcado e reconhecido. Categorizado e nomeado como desvio da *norma*, seu destino só poderia ser o segredo ou a segregação, um lugar incômodo para permanecer. Ousando se expor a todas as formas de violência e rejeição social, alguns homens e mulheres contestam a sexualidade legitimada e se arriscam a viver fora de seus limites. A ciência, a Justiça, as igrejas, os grupos conservadores e os grupos emergentes irão atribuir a esses sujeitos e a suas práticas distintos sentidos. A homossexualidade, discursivamente produzida, transforma-se em questão social relevante. A disputa centra-se fundamentalmente em seu significado moral. Enquanto alguns assinalam o caráter desviante, a anormalidade ou a inferioridade do homossexual, outros proclamam sua normalidade e naturalidade, mas todos parecem estar de acordo de que se trata de um 'tipo' humano distintivo. (LOPES, 2001).

Quando uma obra literária aborda a sexualidade, e especificamente remete-se à comunidade LGBTQIAP+, abre-se e cultiva-se um espaço de debate e discussão – por ser possível entender a literatura como representação da vida das pessoas e da sociedade – e promove o protagonismo dos leitores que, apesar de sentirem-se excluídos da sociedade, veêm-se representados na arte e vislumbram um movimento que dialoga ou promove o diálogo sobre a existência da diversidade sexual e da amplitude das identidades de gênero, sendo assim, uma forma de dizer que as pessoas da comunidade existem, estavam e estão presentes, salientando a importância de trazer à tona esses temas e discursos, como bem observado por Lopes:

Nos grandes centros, os termos do debate e da luta parecem se modificar. A homossexualidade deixa de ser vista (pelo menos por alguns setores) como uma condição uniforme e universal e passa ser compreendida como atravessada por dimensões de classe, etnicidade, raça, nacionalidade etc. A ação política empreendida por militantes e apoiadores torna-se mais visível e assume um caráter libertador. Suas críticas voltam-se contra a heterossexualização da sociedade. A agenda da luta também se pluraliza: para alguns o alvo é a integração social, a integração numa sociedade múltipla, talvez andrógina e polimorfa; para outros (especialmente para as feministas lésbicas) o caminho é a separação, a construção de uma comunidade e de uma cultura próprias. Intelectuais, espalhados em algumas

instituições internacionais, mostram sua afinidade com o movimento, publicam ensaios em jornais e revistas e revelam sua estreita ligação com os grupos militantes. (LOPES, 2001).

As relações sociais são construídas nos preceitos políticos, em sentido amplo, dos mais diferentes indivíduos e, portanto, geram-se os conflitos ou convenções entre grupos distintos, com suas crenças, etnias e culturas em contraste. Nesse sentido, a comunidade LGBTQIAP+ apoia-se nos espaços de debate e até mesmo no complexo desenvolvimento da sociedade a oportunidade de ver-se representada na cansativa busca pelo respeito, inclusão, valorização e reconhecimento. Para isso, é fundamental encontrarmos formas de abastecer os movimentos que visam superar o esquema de heteronormatividade, machismo e demais relações de dominação e superioridade.

Nesse longo e árduo caminho vem ao encontro a Teoria *Queer*, com o termo que se traduzido para o português pelo dicionário de Cambridge significa: “estranho”, “esquisito”, “não-usual”. Foi para quebrar esses estigmas que a Teoria *Queer* surgiu, para questionar os padrões heteronormativos e lutar por uma sociedade com mais respeito e igualdade entre os diferentes gêneros. Para introduzir a teoria, devemos entender de que se trata a heteronormatividade:

[...] a heteronormatividade não se refere apenas aos sujeitos legítimos e normalizados, mas é uma denominação contemporânea para o dispositivo histórico da sexualidade que evidencia seu objetivo: formar a todos para serem heterossexuais ou organizarem suas vidas a partir do modelo supostamente coerente, superior e “natural” da heterossexualidade. (MISKOLCI, 2009, p. 5-6).

A partir deste conceito podemos observar que a sociedade sempre operou com o pressuposto de que todos os humanos são heterossexuais, e que alguns nascem “diferentes”, ou seja, homo e/ou bissexuais, o que se tornou uma política excludente e acabou por abrir espaço para a intolerância e para o preconceito. Por conta disso e de inúmeros outros fatores, a comunidade LGBTQIAP+ luta por respeito e visibilidade até hoje.

Essa questão vem sendo observada há muito tempo, e ao final da década de 1980 nos Estados Unidos é que surgiu a Teoria *Queer* em forma de oposição crítica aos estudos sociológicos sobre minorias de sexualidade e de gênero (MISKOLCI, 2009). Também a partir dos estudos de Miskolci (2009) podemos identificar que os

teóricos que mais se destacaram nos estudos *queer* foram: Teresa de Lauretis, Jaques Derrida, Eve Sedgwick, David Halperin, Judith Butler e Michael Warner, cujos estudos se basearam principalmente na obra de Michael Foucault sobre a sexualidade como um dispositivo histórico de poder que marca as sociedades ocidentais modernas e se caracteriza pela inserção do sexo em sistemas de unidade e regulação social (FOUCAULT, 2005, p. 99-100 *apud* MISKOLCI, 2009, p. 154)

É na Teoria *Queer* que a comunidade LGBTQIAP+ encontra um suporte para estruturar e fundamentar o discurso na busca de direitos, reconhecimento e valorização, visto que estudos fundamentam a luta dessa parcela da sociedade que está cada vez mais evidente nos diversos debates. Conforme Miskolci (2009), tanto em aspectos políticos ou teóricos, a Teoria surgiu para criticar, no sentido mais pleno, a ordem sexual contemporânea, associando-se à contracultura, como forma de compreender e justificar os novos movimentos sociais. Assim, se esclarece que

Os três principais 'novos' movimentos sociais foram o movimento pelos direitos civis da população negra no Sul dos Estados Unidos, o movimento feminista da chamada segunda onda e o então chamado movimento homossexual. Eles são chamados de novos movimentos sociais porque teriam surgido depois do conhecido movimento operário ou trabalhador, e porque trouxeram ao espaço público demandas que iam além das de redistribuição econômica. [...] A visão de que esses movimentos eram 'novos' também trai um olhar 'eurocêntrico', pois atribui caráter de vanguarda apenas ao movimento operário das sociedades industriais do Ocidente, ignorando o movimento abolicionista que lutou pela libertação dos escravos um século antes, sobretudo em países como o Brasil e os Estados Unidos. (MISKOLCI, 2009, p. 21)

É nessa ordem que se percebe o mais amplo sentido da teoria, em fomentar o reconhecimento dos “novos” movimentos, em específico no viés homossexual que se ligam diretamente com a comunidade LGBTQIAP+, para validar as novas configurações de sociedade e dos indivíduos que a constroem, como forma de dar importância, voz e vez àqueles que buscam sentido na luta por seus direitos. A superação dos modelos padronizados de gênero percorrem todos os caminhos da sociedade, inclusive na literatura, como podemos identificar no conto “A Confissão de Lúcio”, em que o autor formula uma trama que criticava os modelos sociais de relacionamento impostos pela burguesia, mesmo que de maneira discreta e dependente da interpretação dos leitores. Assim, fica muito clara a (re)configuração do personagem Ricardo para se transfigurar como Marta e tornar possível o relacionamento com seu grande amigo Lúcio.

[...] A amizade máxima, para mim, traduzir-se-ia unicamente pela maior ternura. E uma ternura traz sempre consigo um desejo caricioso: um desejo de beijar... de estreitar... Enfim: de possuir! Ora eu, só depois de satisfazer os meus desejos, posso realmente sentir aquilo que os provocou. A verdade, por consequência, é que as minhas próprias ternuras, nunca as senti, apenas as adivinhei. Para as sentir, isto é, para ser amigo de alguém (visto que em mim a ternura equivale à amizade) forçoso me seria antes possuir quem eu estimasse, ou mulher ou homem. Mas uma criatura do nosso sexo, não a podemos possuir. Logo eu só poderia ser amigo de uma criatura do meu sexo, se essa criatura ou eu mudássemos de sexo. (CARNEIRO, 2009, p. 58)

Reconhecendo Mário de Sá-Carneiro como um forte crítico dos modelos padronizados na sociedade burguesa, especialmente a europeia, é que se compreende a relação da literatura como representação da vida cotidiana, também como instrumento de denúncia e de manifesto sobre os descontentamentos daqueles que não se sentiam parte de tal sociedade, ou que não se encaixavam naquilo que era esperado ou imposto. São nesses protestos sociais que a Teoria *Queer* tem o objetivo de desvendar e trazer à tona as estruturas em torno dos gêneros sexuais e das discussões sobre sexualidade, usando, como um possível meio, a literatura que promove esses debates e que faz os leitores refletirem sobre os padrões estabelecidos e diversidade de sujeitos, indivíduos, cidadãos. Pois, é a partir de uma sociedade normativa e reguladora que

As pessoas aprendem sobre sexualidade ouvindo injúrias com relação a si próprias ou com relação aos outros. Na escola, quer você seja a pessoa que sofre injúria, é xingada, é humilhada; quer seja a que ouve ou vê alguém ser maltratado dessa forma, é nessa situação da vergonha que descobre o que é sexualidade. É claro que, dessa forma, isso se transforma em um trauma, e tudo é pior para quem é humilhado e maltratado, mas também não é nada agradável alguém que – mesmo não sendo xingado – descobre que seu colega está sendo humilhado e maltratado por causa disso. É assim que as normas se fazem valer. (MISKOLCI, 2009, p. 34)

Como a Teoria busca suplementar os movimentos sociais, a literatura também é um forte combustível para dar espaço a esses movimentos, especialmente dos anteriormente citados, evidentemente de uma forma mais sucinta, mas tão válida e importante quanto, já que, as mais distantes e quase impermeáveis camadas sociais também precisam ser adentradas com todas as formas de conhecimento.

A Teoria *Queer* nos traz muitos questionamentos, por mais que seus estudos sejam, de certa forma, recentes, não deixam de ser amplos, complexos e profundos. Para tanto, os estudos que ficam evidentes são justamente os que questionam a

normatização heterossexual, visto que, qualquer estagnação precisa ser avaliada, questionada e reconstruída. Por isso, é fundamental entendermos que

O que esses primeiros estudos queer já vão modificar? Primeiro, o pressuposto de que a maioria é heterossexual é altamente questionável porque se a homossexualidade é uma construção social, a heterossexualidade também é. Então, o binário hetero-homo é uma construção histórica que a gente tem que repensar. Até mesmo dados empíricos, como os que surgiram a partir de pesquisas sócio-antropológicas durante a epidemia de HIV/aids, mostravam que as pessoas transitavam entre diferentes formas de amar. As pessoas nunca couberam apenas em um número limitado de orientações do desejo. (MISKOLCI, 2009, p. 32)

O ato de questionarmos serve como uma fonte inesgotável para os estudos da Teoria *Queer* e para as lutas do movimento LGBTQIAP+, pois é partir dos questionamentos, desde sempre e até hoje necessários, que as reflexões são promovidas e determinadas mudanças sociais acontecem. Os movimentos negros, feministas e homossexuais têm em comum a busca constante pela conquista de direitos básicos e comuns para qualquer cidadão e, nesse sentido, essas lutas estão vinculadas a Teoria *Queer*

[...] a Teoria *Queer* tem um duplo efeito: ela vem enriquecer os estudos gays e lésbicos com sua perspectiva feminista que lida com o conceito de gênero, e também sofisticar o feminismo, ampliando o seu alcance para além das mulheres. Mas, como toda vertente teórica, ela reúne diferentes autores/as e perspectivas sob um mesmo rótulo criado a posteriori. Historicamente, o termo “Teoria *Queer*” foi cunhado por Teresa de Lauretis, em 1991, como um rótulo que buscava encontrar o que há em comum em um conjunto muitas vezes disperso e relativamente diverso de pesquisas. (MISKOLCI, 2009, p. 33)

Da mesma forma que os diferentes movimentos possuem suas particularidades, seus aspectos gerais estão interligados e, portanto, podem servir com suporte uns para os outros, porque os cerne coincidem ao se apresentarem como movimentos inovadores diante da reconstrução e revolução social.

Foucault é um grande estudioso da sexualidade e que ajuda fundamentar os estudos da Teoria *Queer*, pois, ao afirmar que a sociedade é construída socialmente, não há como negar que o seu trabalho teve impacto e influência nos estudos sobre gays e lésbicas, preparando o terreno para uma abordagem do conhecimento sobre a relação entre sexo, sexualidade e poder.

Se a homossexualidade é um produto da cultura, como Foucault afirmava, então o que é a heterossexualidade? E por que esta é vista como a sexualidade natural, normal? Por que a sociedade ocidental é governada pelo que a teoria queer chama de “heteronormatividade”? A reprodução humana pode exigir a colaboração do espermatozoide do óvulo do homem e da mulher, mas, como Foucault argumentava, a sexualidade é um produto cultural que não pode ser considerado como simples extensão de um processo biológico. Da mesma forma que a homossexualidade, que é uma categoria cultural específica, a heterossexualidade deve ter uma história a ser analisada. E podemos até dizer que essa análise é uma necessidade política: qual o propósito e quais os riscos de aceitar que uma identidade homossexual natural e unificada não existe quando a suposição de uma heterossexualidade natural é indiscutível?

Os estudos queer a respeito dessa oposição combinam a história da sexualidade foucaultiana com a análise textual desconstrucionista. (SPARGO, 2019, p. 36)

Conforme os estudiosos da Teoria Queer, ela tem as ferramentas para investigar a representação de identidades e práticas normativas, e, por meio de suas operações, pode desafiar e desestabilizar o que é aceito e esperado.

No capítulo seguinte, adentramos a análise da obra *A Confissão de Lúcio* à luz da Teoria Queer. Em nossa análise priorizamos as evidências textuais que colocam em destaque as descobertas e os questionamentos acerca do gênero vivenciados pelo personagem Ricardo ao longo do enredo.

4 ANÁLISE: “UMA MANOBRA NECESSÁRIA PARA A MATERIALIZAÇÃO DO DESEJO ERÓTICO DE DOIS HOMENS”

O romance *A Confissão de Lúcio* encaminha-se como um típico conto policial português, retratando de forma exemplar o movimento do Modernismo português em que se desenvolve a trama do triângulo amoroso composto por Lúcio, Ricardo e Marta. Vale ressaltar que o contexto em que a obra foi escrita, no ano de 1914, tem como exemplo a proibição do voto feminino. Então, imaginamos que a limitação das discussões sobre sexualidade ou qualquer outra questão de gênero seja ainda maior. A história é contada pelo escritor Lúcio Vaz que passou dez anos na prisão por um crime que supostamente não teria cometido, e então decide registrar sua confissão. E conforme suas palavras, esta condenação foi injusta, pois não cometeu o crime que lhe foi atribuído. Assim, depois de todo esse tempo explica as circunstâncias do assassinato com uma confissão sincera que justificaria sua inocência.

Cumpridos dez anos de prisão por um crime que não pratiquei e do qual, entanto, nunca me defendi, morto para a vida e para os sonhos... nada podendo já esperar e coisa alguma já desejando – eu venho fazer enfim a minha confissão: isto é, demonstrar a minha inocência.” (SÁ-CARNEIRO, 2006, p. 17)

No início descreve o seu encontro com o poeta Ricardo Loureiro e a amizade íntima que crescia entre os dois artistas logo depois – “[...] eu e Ricardo não éramos só dois companheiros inseparáveis, como também dois amigos íntimos, sinceros, entre os quais não havia mal-entendidos, nem quase já segredos” (SÁ-CARNEIRO, 2006, p. 41). As grandes alterações na jornada de Lúcio começaram a acontecer no momento em que Marta lhe foi apresentada: a esplêndida e misteriosa esposa de Ricardo. Sem saber das origens e quem essa mulher enigmática era, e não podendo dizer algo sobre o seu passado, Lúcio começa a duvidar da sua existência real, conforme evidenciado no trecho abaixo:

– Mas no fim de contas quem é esta mulher?...
Pois eu ignorava tudo a seu respeito. Donde surgira? Quando a encontrara o poeta? Mistério... Em face de mim ela nunca fizera a mínima alusão ao seu passado. Nunca falara de um parente, de uma sua amiga. E, por parte de Ricardo, o mesmo silêncio, o mesmo inexplicável silêncio... (SÁ-CARNEIRO, 2006, p. 66)

Mas apesar das divergências que rodeiam a personagem Marta, Lúcio fica entusiasmado pela sua beleza, surgindo nele uma ânsia persistente por desvendar

todo o mistério que ela escondia. Quando passara a ser o amante dela, Lúcio chega ao ápice da satisfação e do prazer. No entanto, a sua vida começa a precipitar-se com um descobrimento surpreendente: de que ele não é o único amante de Marta. E ainda por cima, descobre que Ricardo sabe sobre esta relação e durante todo esse tempo assistia, tranquilamente, a esta aventura erótica da esposa.

São muitos os elementos que levam à interpretação de que Marta foi uma criação combinada entre Lúcio e Ricardo para que pudessem viver um relacionamento amoroso diante de todo o contexto de uma época e sociedade extremamente reguladoras de qualquer manifestação sexual diferente da padronizada, a heterossexualidade. Ao encontro desta análise podemos abordar os estudos da Teoria *Queer* que clareiam as concepções sobre a estruturação padronizada da sociedade.

[...] o antigo movimento homossexual denunciava a heterossexualidade como sendo compulsória, o que podia ser também compreendido como uma defesa da homossexualidade. O novo movimento queer voltava sua crítica à emergente heteronormatividade, dentro da qual até gays e lésbicas normalizados são aceitos, enquanto a linha vermelha da rejeição social é pressionada contra outr@s, aquelas e aqueles considerados anormais ou estranhos por deslocarem o gênero ou não enquadrarem suas vidas amorosas e sexuais no modelo heterorreprodutivo. O queer, portanto, não é uma defesa da homossexualidade, é a recusa dos valores morais violentos que instituem e fazem valer a linha da abjeção, essa fronteira rígida entre os que são socialmente aceitos e os que são relegados à humilhação e ao desprezo coletivo. (MISKOLCI, 2009, p. 25)

Desta forma, supõe-se a homossexualidade ou bissexualidade para Lúcio e Ricardo, que começaram com uma amizade e construíram um afeto tão grande um pelo outro, um sentimento arrebatador, que se desafiaram a experimentar o “proibido”, de uma forma que não fosse condenável, nem mesmo pelos preconceitos que eles próprios poderiam ter. Ficam claros o apreço e o desejo que os dois cultivavam, bem como todo o receio de viverem o romance, como nesta declaração de Ricardo a Lúcio que, conforme Bladh, pôs em questionamento a heterossexualidade normativa (2007, p. 15):

Enquanto que o meu amigo é uma alma rasgada, ampla, que tem a lucidez necessária para entrever a minha. É já muito. Desejaria que fosse mais; mas é já muito. Por isso hoje eu vou ter a coragem de confessar, pela primeira vez a alguém, a maior estranheza do meu espírito, a maior dor da minha vida...
[...]
– É isto só – disse –, não posso ser amigo de ninguém... Não proteste... Eu não sou seu amigo. Nunca soube ter afetos – já lhe contei –, apenas ternuras. A amizade máxima, para mim, traduzir-se-ia unicamente pela maior

ternura. E uma ternura traz sempre consigo um desejo caricioso: um desejo de beijar... de estreitar... Enfim: de possuir! [...] A verdade, por consequência, é que as minhas próprias ternuras, nunca as senti, apenas as adivinhei. Para as sentir, isto é, para ser amigo de alguém (visto que em mim a ternura equivale à amizade) forçoso me seria antes possuir quem eu estimasse, ou mulher ou homem. Logo eu só poderia ser amigo de uma criatura do meu sexo, se essa criatura ou eu mudássemos de sexo. (SÁ-CARNEIRO, 2006, p. 58)

Uma interpretação possível e que complementa a já mencionada, é de que Ricardo se travestia de Marta quando se relacionava com Lúcio, que apesar de todo o desejo não sentiria tanta culpa por estar se envolvendo com o poeta, que na situação seria uma mulher. Inclusive, de acordo com Bladh, Ricardo problematiza certos conceitos de masculinidade: em relação à sua aparência física diz que gostaria de ser belo, fala sobre seu gosto por roupas bonitas, e até mesmo sobre o desejo de ter o corpo belo de uma mulher ao invés do seu corpo que considerava feio. Desta forma, a sua identificação com o feminino demonstra uma pluralidade identitária de gênero. Isso também pode ser ilustrado quando Lúcio reencontra Ricardo e afirma que seu aspecto físico mudara, dizendo que as feições bruscas do amigo haviam se amenizado, apresentando traços feminilizados.

– Ah! Meu querido Lúcio – tornou ainda o poeta – como eu sinto a vitória de uma mulher admirável, estirada sobre um leito de rendas, olhando a sua carne toda nua... esplêndida... loura de álcool! A carne feminina – que apoteose! [...] E lembra-me então um desejo perdido de ser mulher – ao menos, para isto: para que, num encantamento, pudesse olhar as minhas pernas nuas, muito brancas, a escoarem-se, frias, sob um lençol de linho... (SÁ-CARNEIRO, 2006, p. 56)

Em concordância com Bladh,

“assim como os afectos e os desejos não têm obrigatoriamente que se direccionar no sentido da complementaridade dos sexos, também corpos belos não tem que ser exclusivamente uma característica das mulheres” (2007, p. 15).

Em outro momento, Lúcio demonstra que nem os afetos ou desejos eróticos estão condicionados pelo princípio do sexo biológico, pois, até mesmo em sua relação com Marta sentiu-a como se fosse do mesmo sexo, o que reforça a ideia de que seria Ricardo usufruindo de Marta como sua persona, que apesar de travestido de mulher ainda é um homem em sua concepção, perceptível na colocação de Lúcio quando

recebeu um beijo de Ricardo após a insistência de Marta para o poeta ensinar Lúcio a beijar a face, conforme o trecho que segue:

Rindo, o meu amigo ergueu-se, avançou para mim... tomou-me meu rosto... beijou-me...
O beijo de Ricardo fora igual, exatamente igual, tivera a mesma cor, a mesma perturbação que os beijos da minha amante. Eu sentira-o da mesma maneira. (SÁ-CARNEIRO, 2006, p. 88)

O excerto acima pode comprovar que Marta e Ricardo são a mesma pessoa, pois têm o mesmo beijo, e por ser a primeira vez que Lúcio recebe um beijo de Ricardo não travestido de Marta, lhe causa tanto estranhamento e confusão. A insistência de Marta seria uma ousadia de Ricardo em usar do segredo de sua persona para instigar Lúcio, fazendo com que ele não receba um beijo de Marta, mas do próprio Ricardo, e como o escritor estava tão envolvido na situação, deixou-se levar. Ainda, o trecho nos leva a perceber a ideia desapegada de Lúcio sobre sua visão de Marta dizendo que começou a parecer que nunca a possuía inteiramente por uma impossibilidade física qualquer: “assim como se ela fosse do meu sexo!” (SÁ-CARNEIRO, 2006). E ainda de maneira confusa relembra o beijo de Ricardo: “E ao penetrar-me esta ideia alucinadora, eu lembrava-me sempre de que o beijo de Ricardo, esse beijo masculino, me soubera às mordeduras de Marta; tivera a mesma cor, a mesma perturbação” (SÁ-CARNEIRO, 2006).

A resistência e insistência em permitir-se viver o relacionamento se faz compreender quando se considera o desenrolar histórico da sociedade que evolui muito vagarosamente, e em certos aspectos, parece nem evoluir, entendendo os elementos religiosos e políticos que condenam qualquer forma de amor ou expressão de sexualidade diferente da padronizada. Assim, Spargo (2019, p. 18), quando destaca os estudos e contribuições de Foucault, possibilita entender que

Foucault não sugeriu que as relações sexuais entre pessoas do mesmo sexo não existiam antes do século XIX. No período da Renascença, por exemplo, práticas sexuais como a sodomia eram condenadas pela Igreja e proibidas por lei, tanto entre dois homens quanto entre homem e mulher. Mas a diferença crucial entre essa forma antiga de regulação das práticas sexuais e aquela do fim do século XIX está na pretensão desta última de identificar o que Foucault chamou de “espécie”, um tipo de ser humano anômalo definido por uma sexualidade perversa. Assim, enquanto homens e mulheres do século XVI podiam ser conclamados e confessar que haviam cedido a práticas sexuais vergonhosas e contrárias às leis de Deus e da terra, o homem do fim do século XIX que se envolvesse em uma relação sexual com outro homem era visto como “homossexual” e encorajado a se ver como tal.

Com tanta coragem e desejo, o amor é revelado em sua plenitude quando Ricardo desabafa a Lúcio: “– Ai, como eu sofri... como eu sofri!... Dedicavas-me um grande afeto; eu queria vibrar esse teu afeto – isto é: retribui-lo; e era-me impossível!... Só se te beijasse, se te enlaçasse, se te possuísse... Ah! Mas como possuir uma criatura do nosso sexo?...” (SÁ-CARNEIRO, 2006), o que justifica todo o medo e o receio da condenação em se aventurar e viver intensamente o que sentia pelo amado. Ricardo ainda declara que enquanto Marta possuía Lúcio, era ele mesmo que experimentava todas as sensações, afirmando também, que Marta é sua criação:

Uma noite, porém, finalmente, uma noite fantástica de branca, triunfei! Achie-A... sim, criei-A!... criei-A... Ela é só minha – entendes? – é só minha!... Compreendemo-nos tanto, que Marta é como se fora a minha própria alma. Pensamos da mesma maneira; igualmente sentimos. Somos nó-dois... Ah! e desde essa noite eu soube, em glória soube, vibrar dentro de mim o teu afeto – retribuir-to: mandei-A ser tua! Mas, estreitando-te ela, era eu próprio que te estreitava... Satisfiz a minha ternura: Venci! E ao possuí-la, eu sentia, tinha nela, a amizade que te devera dedicar – como os outros sentem na alma as suas afeições. Na hora em que a achei – tu ouves? – foi como se a minha alma, sendo sexualizada, se tivesse materializado. E só com o espírito te possuí materialmente! Eis o meu triunfo... Triunfo inigualável! Grandioso segredo!... (SÁ-CARNEIRO, 2006, p. 115)

Para Ricardo, o seu desejo está concentrado em Lúcio, pois confessa que criou Marta por ser uma mulher, de forma que poderia atingir o amor físico do escritor, o verdadeiro objeto de desejo.

A mulher serve de camuflagem à infracção desta norma, o que confirma a existência de diversidade de objecto de desejo, de acordo com o ponto de vista queer sobre homosocialidade e homossexualidade. A figura de Marta representa não só o álibi de Ricardo para disfarçar um desejo erótico anti-normativo, não heterossexual, como também, representa a materialização da sua própria alma. Se a mulher neste caso, Marta é apresentada pelo sujeito masculino, Ricardo, como sendo a sua alma, poderia dizer-se que também aqui a mulher não é sujeito empírico mas um sujeito instrumento espiritual do homem, o feminino como sendo a parte do sujeito não assumida pelo homem, dada a repressão social heteronormativa. (BLADH, 2007, p. 16)

Assim, conclui-se, conforme Bladh (2007, p. 19-20), que “Marta foi uma criação, uma manobra necessária para a materialização do desejo erótico de dois homens, Ricardo e Lúcio, quer dizer que ela existe para concretizar o não permitido ‘mascarado de heteronormativo’”.

Além de todas as ligações e extremas semelhanças entre Ricardo e Marta, em certos momentos questiona-se a existência física dela, como em um dos serões na casa de Ricardo onde Lúcio diz que viu Marta desaparecer enquanto ouviam piano:

E então, pouco a pouco, à medida que a música aumentava de maravilha, eu vi – sim, na realidade vi! – a figura de Marta dissipar-se, esbater-se, som a som, lentamente, até que desapareceu por completo. Em face dos meus olhos abismados eu só tinha agora o fauteuil vazio... (SÁ-CARNEIRO, 2006, p. 69)

E também como no desfecho da história, onde se entende que Ricardo assassinou Marta com um tiro, mas na visão de Lúcio quem estava estirado no chão não era Marta, e sim Ricardo: “Quem jazia estiraçado junto da janela, não era Marta – não! –, era o meu amigo, era Ricardo... [...] Marta, essa desaparecera, envolvera-se em silêncio, como se extingue uma chama...” (SÁ-CARNEIRO, 2006), deixando uma incógnita sobre a cena.

A Teoria *Queer* busca justamente a possibilidade de resgatar uma importante discussão sobre termos considerados proibidos ou diminuídos de alguma forma, diante da padronização heteronormativa da sociedade, trazendo à tona debates sobre a homossexualidade e outras identidades de gênero presentes na comunidade LGBTQIAP+. De acordo com os autores que embasam este trabalho e consideram os estudos de Michel Foucault, por exemplo, o ponto de partida foi

[...] a afirmação foucaultiana de que a sexualidade é um dispositivo histórico do poder que se desenvolveu nas sociedades ocidentais modernas desde fins do século XVIII e se baseou na inserção do sexo em sistemas de utilidade e regulação social. A sexualidade, como dispositivo, opera por meio de um conjunto heterogêneo de discursos e práticas sociais, daí sua compreensão exigir procedimentos que articulem elementos tão diversos de regulação da vida social quanto discursos, instituições, formas arquitetônicas, enunciados científicos, proposições morais e filosóficas. (MISKOLCI, 2007, p. 3)

Quando a literatura apresenta situações ligadas aos movimentos sociais tão pertinentes como o da comunidade LGBTQIAP+, ela torna-se ainda mais significativa na vida de indivíduos reais, que vivem e experienciam as angústias da vida. E nesse sentido a Teoria *Queer* nos ajuda a compreender a efetividade da literatura no cotidiano das pessoas quando entendemos suas lutas pela conquista da plena cidadania, visto que é por meio da educação que podem se iniciar as movimentações nos processos de reformulação social.

A diversidade serve a uma concepção horizontal de relações sociais que tem como objetivo evitar a divergência e, sobretudo, o conflito. Por sua vez, lidar com as diferenças impõe encarar as relações sociais em suas assimetrias e hierarquias, reconhecendo que a divergência é fundamental em um contexto democrático. Reconhecer diferenças é um primeiro passo para questionar desigualdades, o que pode criar conflito, mas também consenso na necessidade de mudar as relações de poder em benefício daqueles e daquelas que foram historicamente subalternizados. Enquanto a perspectiva da diversidade tenta inserir diferentes na sociedade evitando contatos em nome de uma questionável harmonia, a perspectiva das diferenças nos convida sempre ao contato, ao diálogo, às divergências, mas também à negociação de consensos e à transformação da vida coletiva como um todo. (MISKOLCI, 2009, p. 54)

Assim, diante da trama básica de *A Confissão de Lúcio* que gira em torno de um triângulo amoroso entre o personagem título, o escritor Lúcio; seu amigo, o poeta Ricardo Loureiro; e a mulher deste último, Marta; não há como definir ou delimitar a identidade de gênero de Ricardo diante do amplo espectro LGBTQIAP+, mas é possível entendermos e considerarmos que dentro das definições *queer*, muitos dos posicionamentos, dos desejos e das vivências do personagem podem ser compreendidos, visto que também é uma característica do Modernismo o fato de deixar ao leitor uma indagação, reflexão e amplitude de interpretação.

Lúcio e Ricardo se conhecem em Paris e constroem rapidamente certa camaradagem com interesses e temperamentos comuns. Ambos tornam-se ligados também por um forte laço afetivo que muito tem de homoerótico, especialmente por parte do hiperssexualizado Ricardo. Todos esses aspectos ligam-se com a intenção da teoria abordada, visto que Mário de Sá-Carneiro, em um contexto extremamente regulador, desafiou os limites para escrever uma história para que, a partir das possibilidades da literatura, pudesse pautar discussões nos âmbitos mais diversos sobre um tema de grande importância na sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da leitura da obra *A Confissão de Lúcio*, das contribuições dos estudiosos sobre a Teoria *Queer* e da análise dos personagens a partir dos conceitos *queer*, fica evidente a contribuição da literatura para que possamos compreender melhor as novas configurações da sociedade, além dos elementos padronizados que ainda precisam ser desconstruídos e reconfigurados quando pensamos sob uma ótica histórica, constatando que a sociedade em que vivemos ainda evoluiu muito pouco nos aspectos de identidade de gênero.

Assim, o trabalho foi estruturado com uma apresentação inicial sobre a obra, o autor e sua vida, bem como sua escola literária que é o Modernismo, pois, são elementos importantes que nos auxiliaram na redação dos capítulos que compuseram este trabalho, como no segundo, por exemplo, em que apresentamos os aspectos abrangentes da comunidade LGBTQIAP+. Dessa forma, foi possível compreendermos e relacionarmos as abordagens da obra de Mário de Sá-Carneiro com os conceitos essenciais da Teoria *Queer* e as principais contribuições dos estudiosos Miskolci, especificamente sobre o termo *queer*, e Foucault, sobre as dimensões da sexualidade humana.

Como resultado das abordagens teóricas e das relações com autor, contexto e obra, apresentamos a análise de *A Confissão de Lúcio* e seus três personagens centrais, atentando ao espectro de identidade de gênero do personagem Ricardo e sua relação com Lúcio e Marta, sua possível criação para viver o relacionamento amoroso com o querido amigo. O narrador, na obra de Mário de Sá-Carneiro, retrata basicamente um amor proibido pelo simples fato de ser entre dois homens, o que a sociedade, de maneira geral, sempre abominou ou contestou a existência e validade. Como exemplo podemos constatar esse fato em muitas situações que ocorrem no enredo em que Ricardo admite o sentimento retratado como uma imensa ternura pelo amigo, que vai além de uma simples amizade, mas ambos reconhecem a impossibilidade de um relacionamento diante do lugar e do momento histórico que viviam, relacionando o afeto como uma forma de pecado e condenação e, portanto, Ricardo se vê devastado por tal negação.

É no sentido de compreendermos e considerarmos as manifestações da diversidade de identidade de gênero, seja como respaldo para os movimentos sociais,

ou para o encorajamento dos indivíduos e enfrentamento dos padrões sociais, que a Teoria *Queer* nos ajuda a entender a necessidade de questionarmos e refletirmos sobre a imposição da heteronormatividade e a contraposição àquilo que diverge do padrão social, como no caso dos movimentos homossexuais, femininos ou negros. Assim, o estudo da Teoria *Queer* contribui para a compreensão acerca dos aspectos que configuram a sociedade e o motivo pelo qual certos elementos são aceitos e outros são negados. Ademais, a Teoria *Queer* inspira e apoia diversas manifestações culturais e históricas, em sentido amplo, para que consigamos entender os propósitos dos movimentos sociais que surgiram com a evolução histórica da sociedade.

E para que as mudanças evidentemente ocorram na nossa sociedade, o ato de questionar precisa ser natural, pois dessa forma é possível analisarmos o meio social em que vivemos e compreendermos os espaços que nos pertencem, além dos espaços que precisamos conquistar, na busca por direitos, respeito, valorização, reconhecimento e igualdade. A literatura é um instrumento que naturalmente proporciona reflexão sobre a sociedade enquanto representação desta. Portanto, podemos nos apropriar desta arte para compreendermos a configuração da vida em sociedade e nos entendermos como sujeitos no mundo.

REFERÊNCIAS

- ARAUJO, Fiorella Ornellas de. **Do duplo à abjeção: uma leitura de A Confissão de Lúcio de Mário de Sá-Carneiro**. 2009. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.
- BLADH, Lucy. **Confissão Queer: Uma análise queer da Confissão de Lúcio de Mário de Sá-Carneiro**. Universidade de Estocolomo, Estocolomo, 2007.
- DE SÁ-CARNEIRO, Mário. **A Confissão de Lúcio**. São Paulo: Martin Claret, 2006.
- HERERRA, Gabriela Cardoso. **Mário de Sá-Carneiro e os desdobramentos do sujeito moderno**. 2016. Tese de doutorado. Universidade Federal do Paraná.
- LOURO, Guacira Lopes. **Teoria Queer: Uma Política Pós-Identitária para a Educação**. In: Revista Estudos Feministas. V.9 n.2 Florianópolis: IFCH, 2001.
- MISKOLCI, Richard. **A Teoria Queer e a Questão das Diferenças: por uma analítica da normalização**. In: Congresso de leitura do Brasil. 2007. p. 1-19.
- MISKOLCI, Richard. **“A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização”**. *Sociologias*, Porto Alegre, n. 21, p. 150-182, 2009.
- MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças**. Belo Horizonte. Autêntica Editora, 2017.
- SILVA, Fábio Mário da. **Mário de Sá-Carneiro: modernista da Belle Epoque**. São Paulo, 2009. (Prefácio, Pós-fácio/Apresentação)
- SPARGO, Tamsin. **Foucault e a Teoria Queer: seguido de Ágape e êxtase: orientações pós-seculares**. Tradução Heci Regina Candiani, posfácio Richard Miskolci. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.